

Comunicação e produção de saberes no contexto periférico: possibilidades para pensarmos o debate sobre mudanças climáticas

Communication and the production of knowledge in a peripheral context: possibilities for thinking about the debate on climate change

Mariana Belmont

ORCID: [0009-0005-3622-2961](https://orcid.org/0009-0005-3622-2961)

Resumo

A experiência de escrita e comunicação periférica possui uma grande relevância, ao envolver lideranças locais no debate sobre mudanças climáticas. Ao pensarmos a partir da periferia, percebemos que é fundamental compreendermos de que modo acontece a comunicação nestes espaços, fora do que vem se pensando atualmente, centralizado na internet. Assim, a partir do exemplo da pandemia de Covid-19, em que vimos a comunicação popular trazendo o debate dentro da condição das comunidades de se cuidar, é possível defender uma comunicação que seja racializada, trazendo pesquisadores e comunicadores negros para a discussão.

Palavras-chave: Comunicação periférica. Comunicação popular. Racismo Ambiental.

Abstract

The experience of peripheral writing and communication is highly relevant, involving local leadership in the debate on climate change. When we think from the periphery, we realize it's crucial to understand how communication occurs in these spaces, beyond what is currently centered on the internet. Thus, drawing from the example of the Covid-19 pandemic, where we saw popular communication bringing the debate within the context of community care, it's possible to advocate for a racialized communication, bringing Black researchers and communicators into the discussion.

Keywords: *Peripheral Communication. Popular Communication. Environmental Racism.*

Eu gostaria de iniciar primeiramente agradecendo muito o convite. É uma honra e também uma grande responsabilidade ocupar um lugar que era da deputada Célia Xakriabá. Fico honrada pelo convite, mas também tenho que dizer que isso me dá muito mais responsabilidade e eu fico muito mais nervosa do que geralmente eu fico falando em público, porque eu prefiro escrever do que falar. Enfim, agradeço, agradeço a todo mundo aqui que acordou cedo no meio do feriado para estar aqui hoje.

Quando sou convidada para falar sobre meu trabalho, sempre gosto de começar falando que eu sou uma pessoa criada, nascida e criada na zona sul, no extremo sul de São Paulo, no distrito de Parelheiros, que é uma periferia rural, com muitas unidades de conservação.

Eu nasci e cresci muito por essa lógica, ocupando esses espaços de conselhos gestores de APAS (Áreas de Proteção Ambiental) e parques estaduais no extremo sul da cidade de São Paulo. Além disso, a minha formação política passa pela comunicação periférica. Durante muitos anos da minha vida, eu fiz parte de vários coletivos de comunicação. Hoje eu faço isso muito menos, já que saí um pouco dessa área de comunicação, apesar de ainda escrever bastante. Então, vou falar um pouco por essa linha.

É muita responsabilidade, também, estar numa mesa com o Cláudio Ângelo, que também é uma referência, desde sempre, sobre o tema. A gente viveu nos últimos anos, principalmente durante a pandemia, um terror na comunicação, uma grande disseminação de fake news nos territórios. E aqui acho que é importante citar isso, porque temos um trabalho de base forte com a Uneafro Brasil¹, com o Instituto de Referência Negra Peregum² e com outras organizações que a gente tem de território de base, para combater as falácias e as mentiras contadas durante a pandemia que circulavam naqueles espaços.

Eu queria começar falando por aí, porque acho que isso é um ponto muito importante. Essas mentiras, essas fake news contadas e projetadas pelo próprio governo que estava no executivo, durante a pandemia de Covid-19, foram responsáveis por mortes de muitas pessoas. Especialmente pessoas negras e pobres nos territórios periféricos, que acreditavam coisas como: que tomar chá de boldo era bom para curar COVID; que a COVID não existia; ou mesmo no uso de remédios que, na verdade, pioravam a saúde dessas pessoas ao invés de ajudá-las a melhorarem dos sintomas dessa doença.

E o papel da comunicação periférica e das articulações das organizações de base, de cursinho popular e de educação popular foram chave para combater isso. Não só para entregas de cesta básica, não só para alimentar as pessoas durante a pandemia, porque esse foi um grande gargalo, afinal as pessoas precisavam comer e algumas delas não podiam sair de casa.

1 A União Africana (UA) foi criada em 2002 com o objetivo de analisar e propor soluções africanas para os desafios enfrentados pelos países africanos, em especial fortalecimento da paz, da soberania e do desenvolvimento socioeconômico no continente (BRASIL, 2014).

2 O Instituto de Referência Negra Peregum é uma organização sem fins lucrativos, criada em 2019, por militantes da educação popular. Tem como missão fortalecer a população negra e periférica, junto com e a partir dos movimentos negros (PEREGUM, 2024).

Agora quero falar um pouco sobre a importância da comunicação direta para essas populações. Por exemplo, eu nasci no bairro da Colônia, em Parelheiros, que é um distrito de São Paulo. Lá é um local que não tem internet até hoje, assim como em outros diversos bairros nos quais não temos acesso a celular.

A internet foi um importante meio para se chegar às informações corretas, mas nem todos os lugares tinham acesso à internet. Neste momento da pandemia, existiu uma forte presença dos comunicadores populares, dos comunicadores periféricos, com presença ativa nos territórios. A comunicação nestes espaços acontece de outra forma, nós costumamos falar que fazíamos fofoca nos espaços de articulação e nas casas das pessoas, além da entrega de folhetos, do uso de bicicleta que circulava pelas comunidades com som alto, trazendo, assim, informação correta para essas populações.

Então, nós passamos esses tenebrosos anos de governo Bolsonaro, com esse tipo de informação na quebrada, principalmente durante a pandemia. Estou falando de um caso específico de São Paulo, mas isso aconteceu em outras periferias do Brasil. E por que estou falando isso? Para dizer que a comunicação, quando está afastada da base, afastada das pessoas que precisam ser, de fato, afetadas pelas informações, ela torna-se uma comunicação que é distante, é branca, é rica, e é uma comunicação que não se conecta com a vida das pessoas.

Eu até tinha preparado aqui umas coisas que eu iria falar sobre comunicação, e fiquei pensando muito em casa sobre isso, para não chover no molhado, mas, também, para dizer que a comunicação também é a base para perpetuar histórias. E aqui estamos falando de ciência e de meio ambiente, e tudo isso passa no cotidiano e na vida real das pessoas: a poluição, o esgoto, a falta de saneamento básico, a falta de água, água poluída. E as pessoas às vezes não têm noção do que significa isso no seu território. O debate sobre o racismo ambiental é importante por conta disso.

São muitos os desafios da comunicação, e aqui destaco o quanto a comunicação popular e a comunicação periférica são centrais. E nesses últimos anos, temos traçado um caminho importante de contar histórias a partir das pessoas que estão no território. E mais do que isso, pois não é só contar histórias, mas trazer quem estuda e faz parte da periferia para participar dessas ações e falar com a periferia.

E isso é muito importante porque existe uma grande distância da informação que vemos nos grandes jornais, como o que as pessoas assistem no Jornal Nacional e o que fazemos. Então, isso faz muita diferença na comunicação, uma vez que no dia-a-dia as pessoas acabam acessando outros tipos de comunicação ali dentro do bairro, no ônibus, no ponto de ônibus, etc. E por isso que é tão importante alguns coletivos de comunicação como o Embarque no Direito³, que

³ Embarque no Direito é “Um jornal que fala sobre as periferias e favelas e traduz direitos” (EMBARQUE no Direito, 2024).

entrega jornal dentro dos terminais de ônibus de algumas periferias em São Paulo, para acesso a esse tipo de informação.

Então, acho que era isso que eu tinha para contribuir com essa mesa, nesse primeiro momento. E gostaria de terminar essa minha fala lembrando que: quando a gente comunica, a comunicação tem CEP, tem raça e tem gênero. Isso é muito importante, porque as pessoas também têm CEP, têm raça e têm gênero e têm seus territórios. A comunicação precisa fazer parte do cotidiano das pessoas.

Referências

EMBARQUE no Direito. **@embarquenodireito**. Disponível em: <https://linktr.ee/embarquenodireito>. Acesso em 14 de Abril de 2024.

PEREGUM. Instituto de Referência Negra Peregum - Quem Somos. Disponível em: <https://peregum.org.br/quem-somos/>, Acesso em: 14 de Abril de 2024.

Uneafro Brasil. Disponível em: <https://uneafrobrasil.org/> Acesso em 08 de setembro de 2024.

Sobre os autores

Mariana Belmont

Jornalista e pesquisadora. Organizadora do livro "Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil" (Oralituras, 2023).

email: marianabelmont22@gmail.com